

XIV Congresso Brasileiro de Sociologia

28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro

GT 26 Sociologia da Infancia e da Juventude

Juventude e Gênero nos movimentos sociais do Brasil e Portugal

Celecina de Maria Veras Sales

Universidade Federal do Ceará

1. Introdução

Os movimentos sociais têm sido historicamente um espaço de ação política. Nas últimas décadas, com o surgimento de novas estruturas de participação, novos espaços de encontro e ferramentas de comunicação, é recriado também o próprio sentido da ação coletiva. Os movimentos criam possibilidades de reinventar formas de fazer política, transformando-se em um processo formativo que auxilia no acúmulo de capital político.

As novas tecnologias possibilitam uma interação e mobilização, tanto no interior dos próprios movimentos como na sua relação com outros movimentos. Os portais, os fóruns, permitem uma comunicação mais rápida e compartilham linguagens e símbolos, além de mudar a noção de tempo e espaço.

Os sites com ofertas de e-mails gratuitos aumentaram consideravelmente o número de usuários da internet e, embora muitos internautas não possuam computador em sua casa, criam a oportunidade de acessar um correio eletrônico e se conectar com o mundo virtual. Esse acesso é incentivado pelos movimentos também como forma de interatividade e mobilização.

O ambiente cibernético tem sido um espaço de encontro e diálogo da juventude, inclusive para realizar protestos, conhecer propostas, se integrar a determinadas comunidades e participar de ações que contribuam com mudanças no mundo real.

É nesse contexto, permeado por novas formas de comunicação e interatividade, que minha investigação, realizada no Brasil e em Portugal, objetiva conhecer a participação política dos jovens nos movimentos sociais e, particularmente, verificar a presença de mulheres jovens e as formas de participação das mesmas.

Meu interesse em trabalhar gênero e juventude nos movimentos sociais se ancora em alguns fatores: por serem temas emergentes nos discursos e ações de diversos movimentos sociais, e temas ainda pouco explorados no Brasil. Outro fator importante desse estudo, é que, embora as mulheres jovens estejam presentes em associações e movimentos diversos, somente nos últimos anos elas começam ter um pouco de visibilidade. No Brasil vive-se um momento ímpar em relação a juventude, o Estado criou o Conselho (2005), um Plano Nacional (2004), além de uma Secretaria para Juventude (2005), e, no

caso de Portugal o Instituto Português da Juventude foi criado desde 1996, processo que já está bastante consolidado, mas, nos dois casos, não existem ações específicas com recorte de gênero.

Pesquisar a participação de mulheres jovens nos movimentos sociais tem o sentido de entender o que mobiliza essas jovens a desenvolver práticas coletivas e qual o significado político e social dessas práticas.

Ao mapear os movimentos sociais que possuem setores de gênero e juventude deparo-me com questões teóricas que problematizam o uso do conceito de movimentos sociais e de comunidade. Na pesquisa de campo também me defronto com questões que envolvem as táticas e novas formas de mobilização que as organizações sociais, agora em redes, estão construindo.

As redes como espaços públicos possibilitam formas de interação política, social, mas também tornam-se um espaço de atuação cidadã, militante, consumidor, produtor, distribuidor (MACHADO, J., 2005). As redes, como diz Pinheiro (2007), são estruturalmente inovadoras, mas politicamente ambivalentes. Nesse sentido, Pinheiro questiona ainda se a conectividade imediata implicaria em coletividade, ou se “a mera existência de pontos de conjunção conduziria à emergência de formas políticas novas, de uma democracia mais direta”(2007, p.19).

2. O Caminho da investigação

Ao iniciar a aventura de elaborar uma cartografia dos movimentos juvenis em Portugal e Brasil me vi diante da abrangência do meu universo de pesquisa, as fronteiras e limites pareciam infindáveis.

Iniciei então uma seleção dos movimentos que, segundo sua ação, estariam mais voltados para expressões culturais e ação política, também outra delimitação difícil de ser verificada, tanto através da Internet como pela diversidade de ações de algumas associações.

No Brasil, verifiquei que havia coletivos das centrais sindicais, das confederações de classe, dos partidos políticos, assim como as associações estudantis, em muitos estados e municípios, então, decidi mapear as de representatividade nacionais e as locais, no caso Fortaleza. Em Portugal dividi em dois blocos, o de Lisboa e o restante do país.

Iniciei o levantamento dos Movimentos Juvenis e dos Movimentos Sociais que têm setores e/ou atividades voltados para gênero e juventude. O mapeamento dos movimentos juvenis foi realizado através de informações colhidas por estudos locais, eventos, estrutura dos movimentos voltados para cultura e política.

Realizei visitas em Lisboa às instituições que estavam diretamente envolvidas com a proposta investigativa.

O primeiro contato foi com o Instituto Português da Juventude, onde foi possível obter alguns dados, dialogar sobre as associações juvenis de Portugal segundo sua territorialidade e objetivos, e também ter acesso a diversas publicações.

A segunda visita foi à Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero - CIG, onde desenvolvi um levantamento sobre minha temática na biblioteca local e obtive dados sobre o associativismo de mulheres de Portugal. A partir de então, entrei em contato com as associações, majoritariamente através do correio eletrônico e pessoalmente com algumas delas.

Ao percorrer, por diversas vias, instituições que trabalham com juventude e gênero, utilizei a Internet por ser um recurso útil, dinâmico, rizomático para pesquisa e principalmente por ser um espaço de encontro, registro da juventude.

Segui teoricamente o que Scherer-Warren (2006) denomina de novos formatos de organização da sociedade civil. A autora de forma geral tipifica em 3 (três) níveis: associativismo local; formas de articulação inter-organizacionais e mobilizações na esfera pública.

A partir dos critérios acima, optei pela escolha de dois movimentos para cada formato, em cada país, o que resultou em seis movimentos em Portugal e seis no Brasil.

No associativismo local selecionei no Brasil o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e o Movimento Hip Hop, em Portugal o Movimento dos Imigrantes e o Movimento Hip Hop.

Nas formas de articulação inter-organizacionais escolhi no Brasil a Central Única dos Trabalhadores- CUT e a Rede de Juventude pelo Meio Ambiente - REJUMA e em Portugal a Confederação Geral dos Trabalhadores

Portugueses - CGTP e a Associação Nacional de Conservação da Natureza – QUERCUS.

Com relação às mobilizações na esfera pública elegi, tanto no Brasil como em Portugal a Parada do Orgulho Gay e a Marcha Mundial das Mulheres.

É importante enfatizar que em cada movimento selecionado havia inúmeras associações e redes. No movimento dos imigrantes por exemplo, encontrei cento e seis associações.

Antes de manter uma comunicação com os movimentos desenvolvi uma pesquisa sobre o histórico, as lutas e estruturas de cada um deles, e, em momento posterior, entrei em contato através de uma carta enviada por correio electrónico.

À medida que fui tendo retorno, parti para uma comunicação por telefone, assim como alguns encontros presenciais. Novas tecnologias, como o celular e a internet foram meios de comunicação, *pontes de linguagem* com os entrevistados e entrevistadas.

O retorno das entrevistas encaminhadas teve a duração de cento e treze dias, a contar da data do envio à última entrevista recebida.

O emprego do tempo, nas diversas atividades e compromissos dos entrevistados, impossibilitava a escrita das respostas, mesmo tendo contato diário com os computadores, com o espaço cibernético (LÉVY, 1999), os entrevistados(as) não conseguiam reter o tempo ou perder tempo para tal tarefa.

Como disseram os próprios informantes:

“Peço-te desculpa pelo atraso na resposta, foi por razões de força maior E NADA MAIS”.

“Peço desculpas pelo atraso, mas estou com muita dificuldade de tempo”.

“Já li as perguntas, é um tema que me interessa demasiado e sobre a qual tenho muito a dizer e portanto não gostaria de responder a pressa, assim proponho que possa responder até domingo para ter tempo senão vou fazer isso a despachar e não vai ficar bom”.

Outro ponto importante foi sobre uma questão que solicitava que escrevessem sobre seu percurso, algumas entrevistas vieram sem essa

resposta. Somente após várias mensagens foram respondidas. Um dos informantes ao enviar a resposta justifica:

“Aqui vai a resposta. Devo dizer que está uma resposta muito pálida porque odeio falar de mim. Mas você insistiu....”

A escrita do percurso organiza a memória, é uma forma de explorar o passado, remete a busca de sentido, remonta a recordações de lugares, momentos, acontecimentos. Através da escrita transparece não somente como a pessoa concebe e articula seus pensamentos, mas as várias posições discursivas assumidas.

Nesse momento fiz uma espécie de pouso de emergência para tentar rastrear pistas, e, para que no meu próprio movimento em interação com o movimento dos entrevistados e entrevistadas pudesse acompanhar a velocidade, o ritmo do processo. Isso necessitava de uma atenção maior, de explorar as diversas modalidades sensoriais além da visão para que eu pudesse perceber não apenas as palavras escritas, mas os brancos entre as palavras, o texto perfurado que estava ocultado (LÉVY, 2004).

3. As paisagens e os agentes da Investigação

Na sua prática política os movimentos tem caminhos diversos, constroem suas marcas territorializantes, seguem caminhos independentes, alguns propõem um comum que extrapola as formas de estruturação clássicas, se conectando internamente de maneira descentralizada, nestes “o território é, ele próprio, lugar de passagem” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.132). Mesmo nos movimentos sociais com estruturas mais rígidas, mais verticalizadas, com uma organização de formato mais tradicional, há sempre possibilidade de reunir diferentes níveis da vida social.

Os discursos de todos os representantes dos movimentos sociais estudados expressam a vontade de luta por igualdade e transformação social, o que difere são as formas como organizam suas práticas ofensivas de luta, como se contrapõem ao sistema de opressão. Os processos são distintos, em determinadas situações há movimentos que conseguem de fato criar seus próprios meios de referência, suas próprias cartografias, outros reproduzem no seu agir político práticas do poder dominante. Contudo, é importante enfatizar

que em diferentes contextos os movimentos podem ter atitudes e práticas mais conservadoras e em outros preservar sua função de autonomia.

Os movimentos, historicamente, tem atuado como pólos de resistência. O risco é, ao fazerem uma política de conjunto, em grande escala, serializar seus militantes, modelizar suas falas, suas ações, sobrepor-se às individualidades, desconhecer as singularidades e expressar um discurso unificador para todos os gêneros, gerações, etnias, orientações sexuais, nacionalidades.

Com todos os problemas que os movimentos sociais possam suscitar, neste início de século XXI, quando estudiosos e alguns militantes falam de apatia e desmobilização, é importante observar o alcance político que os processos de luta articulados pelos diversos movimentos possuem. É momento de repensar o comum, para Pelbart “o comum é um reservatório de singularidades em variação contínua, uma matéria anorgânica, um corpo sem órgãos, um ilimitado (*apeiron*) apto às individuações as mais diversas” (2006, p.4). Essa noção de comum não tem relação com unidade, com pensamento único, este comum é aquele que extrapola, que escapa das capturas da máquina capitalística que tudo rotula, molda, serializa.

Na construção do mapa volto aos sites dos movimentos e vejo paisagens em movimentação, vasculho minha memória e vejo pegadas, escuto os ruídos, os sons dos congressos, passeatas, marchas, paralisações, encontros que acompanhei. Os percursos foram compondo um *corpo grupal* que os números são incapazes de revelar, mas mesmo assim vou arriscar um panorama.

O Movimento dos Imigrantes em Portugal conta com 50 associações, e há cerca de 400 mil imigrantes no país. No MST é difícil contabilizar o número de integrantes, fiz uma estimativa pelo último Congresso em 2007, foram 17.500 trabalhadores e trabalhadoras de 24 estados brasileiros. A Marcha Mundial de Mulheres está presente em 159 países, com 600 grupos participantes, funciona com comitês, grupos de trabalho e uma coordenação local, em cada país formada por grupos feministas afiliados.

A QUERCUS é uma associação do movimento ambientalista em Portugal, surgiu do ativismo de alguns grupos que se juntaram e a constituíram, funciona com 20 núcleos, e desde a sua fundação em 1984 já inscreveu mais

de 14 mil pessoas. A REJUMA é uma rede brasileira, também do movimento ambientalista, formada majoritariamente por jovens de 16 a 29 anos e outras pessoas que atuam em diversos setores da sociedade, destacando-se os coletivos de jovens ambientalista, que são grupos informais. Essa rede é um espaço de discussão e articulação local, regional, nacional e internacional.

As duas centrais sindicais seleccionadas foram a CGTP em Portugal, formada por 181 entidades, como confederações, federações e sindicatos. A CUT no Brasil tem 3.326 entidades e cerca de 7.468.855 associados (as).

A Parada Gay ocorre anualmente, e no Brasil em 2007 ocorreram 102 paradas em cidades diferentes, a mais antiga é da cidade do Rio de Janeiro, e a maior delas aconteceu na cidade de São Paulo, em 2008 com um total de 3,4 milhões de pessoas. Em Lisboa, foi a nona Parada.

O Movimento Hip Hop no Brasil e em Portugal é formado por diversos grupos, e estes se organizam em núcleos (posses), e no Brasil o maior grupo, MH2O, atua em 14 estados. Por sua forma de organização flexível é difícil quantificar.

São estes movimentos sociais no seu mapa, com sua composição de rotas, caminhos e linhas múltiplas, com todos seus elementos heterogeneos, potências singulares, que os penso como um conjunto capaz de produzir, ou pelo menos almejar um comum, através de suas redes e conexões. Neste grande mapa com toda sua multiplicidade fui desenhando os percursos dos seus militantes, onde se criam novas paisagens, intensidades, aberturas.

Como disse um dos informantes: “se quiseres saber mais tens que me telefonar porque é terrível escrever”.

Solicitar que o entrevistado descreva seu percurso no movimento social ao qual pertence, não é uma tarefa fácil, como diz Deleuze, “é difícil ‘se explicar’- uma entrevista, um diálogo, uma conversa” (1998, p.9), pois para o autor as questões de uma entrevista são fabricadas, é bem diferente quando as questões são criadas pelo próprio indivíduo.

Volto ao desenho e trago os territórios e linhas traçadas pelo próprio entrevistado, jovem português, descendente de africano, do Movimento Hip Hop:

Não sei muito bem como entrei na cena. Sei que o facto de viver num bairro de barracas e de estar em turmas com vários

miúdos brancos com mais condições que eu e de ter sofrido discriminação foram me pondo revoltado, mas sem grande consciência. O que educou numa forma consciente para questões sociais foi o rap. Comecei a ouvir *Rebel Mc da Zulu Nation*, *Ice Cube*, *Public Enemy* e comecei a despertar grande curiosidade pelos nomes que eles citavam tal com *Huey P Newton* ou *Malcolm*, mais tarde por coincidência descobri a maravilha que era a história de África que nunca me tinha sido contada na escola. Comecei a imprimir cada vez mais comentário social à minha música fosse qual fosse o tema. A aceitação do meu CD pelos irmãos e irmãs da comunidade trouxe-me a responsabilidade de dar a cara pelo que dizia na música e de manter-me de pé e afirmativo. O associativismo veio por essa altura com mais irmãos e irmãs do hip hop e amigos. Associação juvenil khapaz, cultural mais tarde, e hoje associação cultural de jovens afrodescendentes. Sentimos que a comunidade africana não tem voz e que aqueles que se erguem como nossas vozes não nos representam, mas sim aos seus interesses pessoais ou de outros partidos e movimentos. Sentimos que além da história de exploração e de destruição da nossa auto-estima, temos um presente de inferiorização da nossa cidadania, dos nossos direitos económicos, sociais, culturais e políticos e que ninguém os quer defender porque somos carne para canhão e mão de obra barata e é por aí que temos que ir.

No seu percurso, o jovem vai pontilhando suas linhas, marcando seus espaços, aqui espaço tem o sentido de *lugar praticado*, *cruzamento de móveis* (CERTEAU, 1999). O jovem vai cruzando nas suas linhas a música, a África-origem, o grupo, o despertar para vida. A música é sua linha de fuga, sua desterritorialização, e é interessante que nesse processo tem a presença do grupo, do conjunto, como diz Deleuze e Guattari (1996) *jamaís nos desterritorializamos sozinhos*. Neste sentido, mesmo com distâncias objetivas de separação, a música é também a linha de fuga de um jovem brasileiro do Movimento Hip Hop.

Até os 17 anos frequentava os bailes funks de Fortaleza e participava de uma gangue de jovens urbanos CDM (Criaturas da Maldição), mesmo pertencendo a esta gangue nunca fui a favor de consumo de drogas, venho de uma família humilde, que tem vários problemas, é que me influenciou a ir aos bailes funks. Um destes anos houve um concurso no estilo de gincana para saber qual a maior galera de Fortaleza e nós ganhamos, e, uma das provas foi um representante de cada galera cantar no palco, e aí eu subi e cantei lá no gigantão da José Bastos. Recebi um convite para conhecer o MH2O (Movimento Hiphop Organizado) do Brasil, passou uns 2 anos entrei na UFC, e IMPHAR (italiano). Depois fui conhecer o movimento mais de perto e a participar ativamente como

militante em 2002. Hoje estou como coordenador geral do MH2O /Ceará.

A ruptura feita pelo jovem, o fez encontrar-se com elementos que possibilitaram reordenar sua vida e se reconstituir como sujeito de uma linguagem, linguagem esta, que é produzida no movimento Hip Hop.

As ações culturais do Hip Hop “inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais” (CERTEAU, 1995, p.250). Nesse sentido, “as expressões culturais se integram a uma prática social” (ibidem).

Os percursos dos outros (as) entrevistados (as) se encontram e outras vezes não se cruzam. Seus pontos de partida para o ativismo político atual tem iniciações diversas, os partidos políticos (CGTP e Parada Gay- PT), a ala progressista da igreja católica do Brasil (MST e CUT-BR), o movimento de juventude (REJUMA-BR), o movimento estudantil (MMM –BR), outros(as) jovens foram afetados(as) durante o curso de graduação na universidade, ou momento pós-formatura (MMM – PT, QUERCUS -PT e Imigrantes - PT), ou ainda, por meio de convite de pessoas de seus relacionamentos (Parada Gay – BR).

Ao me deter no percurso de cada um, percebo que alguns deles são postos do exterior para eles e elas, e também observo que eles se transformam e podem penetrar um no outro. Registrei que alguns (as) entrevistados (as) participam de mais de um movimento social ou desenvolvem práticas coletivas que envolvem diversos movimentos sociais através de questões que atravessam os movimentos, como juventude, gênero, sexualidade, meio ambiente, racismo, e, são nesses encontros, pontos de convergência, que os(as) militantes ampliam sua atuação, constroem novas linhas e perdem outras.

A Marcha Mundial de Mulheres é um exemplo de espaço de conexão que agrega diversos movimentos, a coordenação da Marcha no Brasil reflete essa multiplicidade quando na sua composição reúne grupos feministas, setores ou comissões de mulheres do movimento sindical do campo e da cidade, do movimento popular e do movimento de moradia. Essa articulação é facilitada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, pois em rede

cada participante tem trânsito, proximidade e torna-se um criador e receptor ativo de informação.

4. Mulheres Jovens nos Movimentos Sociais

A questão de gênero nos movimentos sociais e nas organizações tem sido colocada concretamente através de discussões sobre o tema e da criação setor e/ou coletivo de gênero e/ou juventude em sua estrutura.

Para os movimentos sociais os estudos de gênero suscitam outras discussões, como diferença e desigualdade, direitos humanos.

Estudos sobre as relações de gênero têm permeado discussões no interior de muitos movimentos sociais, através de material didático, oficinas, seminários e encontros. Outro aspecto interessante são as lutas sobre cotas e o nível de participação e/ou envolvimento das mulheres nos movimentos e a visibilidade das mulheres que conseguiram assumir lugar de liderança.

Com relação a essa questão inicial identifiquei três situações diversas entre os movimentos estudados. Nos movimentos com estrutura mais formalizada, como o movimento sindical e MST, encontrei setores referentes a gênero e juventude; uma segunda situação são aqueles movimentos que na sua constituição originalmente já trabalha, com gênero e/ou juventude, como hip hop, a marcha mundial das mulheres e a parada gay, e por fim, movimentos que desenvolvem discussões e/ou ações sobre pelo menos uma das temáticas, é o caso do movimento dos Imigrantes e do movimento ambientalista. É importante ressaltar que apenas uma associação, ligada ao movimento ambientalista em Portugal, não desenvolve ações ou discussões de gênero, contudo, não se pode caracterizar como uma situação do movimento mais geral.

Os setores de gênero, ou mesmo as discussões e ações sobre gênero nos movimentos sociais, podem também se constituir em dispositivos de articulação de uma nova forma de agir, dispositivos que possibilitem criar aberturas para estabelecer diálogos.

O que as mulheres na Central Única dos Trabalhadores (CUT) estão perseguindo é não se fechar em gueto, mas ampliar as questões de gênero para todo o movimento.

A presença organizada das mulheres no interior da Central modifica o percurso desta ao tirar da invisibilidade as mulheres e suas ações, ao questionar e buscar superar a opressão das mulheres, e na medida em que pauta a todos/as integrantes do movimento sindical, homens e mulheres, que esta luta não é só das mulheres, mas da classe trabalhadora como um todo, e que portanto, deve ser uma luta assumida por toda a Central. Há pautas da agenda do movimento feminista que a CUT somente assume para si devido à ação organizada das mulheres. Caso, por exemplo, das cotas, da luta por creches, contra a violência contra as mulheres, por igualdade de oportunidades e pela legalização do aborto (Entrevistada da CUT).

Os movimentos sociais, nos seus processos de lutas e no seu agir político, vivenciam relações de poder, embora lutem contra opressão e desigualdades sociais e tenham desejo de emancipação, podem também reproduzir ou não formas de dominação, como por exemplo, as discriminações de gênero. Por outro lado, os movimentos, mesmo com todas suas estratégias, normas e regras, têm sempre um certo grau de liberdade, uma fresta onde pode entrar ar, e que possibilita trazer para discussão os problemas do próprio movimento.

É através das pequenas aberturas que surgem as lideranças de mulheres jovens, em alguns movimentos isso é menos expressivo, em outros vem crescendo o número de mulheres ocupando cargos de direção e/ou em posição de liderança. É importante registrar que elas estão presentes em todos os espaços, em todos os movimentos.

Para situar os movimentos estudados, sem a pretensão de generalizar, posso dizer que, nas mobilizações na esfera pública (Parada do Orgulho Gay e a Marcha Mundial das Mulheres), as mulheres jovens participam da sua coordenação e organização. No caso da Marcha, posso arriscar a dizer que a marcha pode se tornar um espaço de emergência de jovens feministas, no Brasil vários grupos de mulheres denominadas jovens feministas começam a organizar-se.

Com relação ao associativismo local, o MST, e Hip Hop e o Movimento dos Imigrantes, as mulheres jovens têm variadas formas de participação, assumem lugar de liderança ou atuam em diversos setores, principalmente, em grupos culturais. Destaco que mesmo no Hip Hop, movimento eminentemente

masculino, há situações em que as mulheres fundaram sua própria posse¹. Ou no caso dos Imigrantes como diz o informante:

A participação varia consoante as comunidades, o background cultural, a natureza das estruturas, sejam elas mais viradas para a luta e a defesa dos direitos das comunidades, sejam elas, mais do foro cultural, portanto vocacionadas para a recriação do ambiente cultural de origem (Entrevistado do Movimento dos IMIGRANTES, PT).

Nas formas de articulação inter-organizacionais, as Centrais Sindicais (CUT e CGTP) e movimento ambientalista (REJUMA e QUERCUS), são situações bastante diversas. No que diz respeito ao meio ambiente, como suas estruturas são mais abertas, “por se tratar de uma rede, a participação se dá na contribuição de ideias, discussão, articulação” (REJUMA), e na associação “as mulheres podem ocupar e desempenhar todas as funções que existem” (QUERCUS). O mesmo não ocorre nas estruturas mais duras das Centrais Sindicais.

Ao nível da direção, existem neste momento, num total de 147 membros no Conselho Nacional da CGTP-IN (órgão de direcção) 16 conselheiros com menos de 35 anos, 6 das quais são jovens mulheres (4 com menos de 30 anos). No plano do funcionamento temos várias jovens mulheres que trabalham essencialmente no apoio administrativo dividido nos vários departamentos de apoio à acção sindical (Entrevistada da CGTP).

A forma de participação das jovens mulheres no movimento sindical ainda se faz fundamentalmente exercendo funções internas e administrativas. Dificilmente as jovens são as figuras públicas, a direção dos sindicatos. Quando assumem papel de liderança, essa participação continua ocorrendo principalmente em cargos relativos à sua condição (secretarias/directorias de mulheres ou juventude), poucas vezes em outros cargos, e, muito mais raramente, nos três mais importantes: presidência, secretaria-geral e tesouraria” (Entrevistada da CUT).

As Centrais Sindicais, apesar de ter mulheres na liderança, ainda lhes atribuem lugares de representações definidoras do feminino, papéis desenhados por valores históricos e culturais, que codifica condutas, comportamentos, que separa os espaços por sexos e idade.

Na pesquisa pude verificar que as mulheres jovens participantes dos movimentos ainda não estão suficientemente envolvidas em ações voltadas para as questões de gênero, e, isso é retratado no nível de participação,

¹ Posse no Movimento Hip Hop é uma forma de organização, corresponde a um núcleo, um grupo.

apontada como uma participação ainda tímida. A participação das mulheres jovens se caracteriza principalmente pelo ativismo político, ainda é uma minoria que chega a liderar os movimentos.

Uma situação que me chamou atenção na pesquisa é que os movimentos têm trabalhado separadamente as questões ligadas a gênero e juventude. Dessa forma, as mulheres militantes, quando jovens, ou estão voltadas para lutas específicas da juventude ou das mulheres. Essa questão é importante porque a juventude não pode ser vista como uma, homogênea, universal, da mesma forma, as mulheres tem questões singulares com relação a classe, etnia, geração. Nos movimentos sociais onde predominam homens, há dificuldades de participação das mulheres e isso se agrava quando elas são jovens, essa é uma realidade ainda encontrada no movimento sindical e também no Movimento dos Imigrantes: “A participação e o envolvimento das mulheres jovens nas estruturas diretivas ainda permanecem bastante refém de preconceitos machistas, pese embora alguma evolução já notada” (Entrevistado do Movimento dos IMIGRANTES).

A diferença de gênero e geração no interior dos movimentos define padrões de comportamento, reforça as relações de poder e cristaliza os valores e as hierarquias sociais.

O Movimento Feminista, desde o início do século XX, vem lutando para desconstruir esse discurso, ao agir contra as práticas de poder, criticar paradigmas, valores, normas, ao desafiar regimes de verdade que instituem o mundo e suas significações. Os estudos de gênero trouxeram contribuições e questionamentos importantes para analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino (LOURO, 1977).

Pelas entrevistas observei que a participação mais efetiva das mulheres jovens data do início do século XXI, apenas três movimentos assinalam sua entrada nos dois últimos anos do século passado.

Esses dados iniciais são bastante reveladores porque, se por um lado identifico a participação de mulheres jovens nos movimentos sociais, por outro também observo que as questões específicas estavam envoltas em brumas.

As lutas do movimento feminista e as mudanças ocorridas com relação aos direitos das mulheres no século passado estão caminhando muito lentamente.

Quando perguntei se a participação das mulheres jovens era diferente dos jovens homens, apenas o Movimento Ambientalista no Brasil e em Portugal declarou não haver diferença. Com exceção da Marcha Mundial das Mulheres, que é composta apenas de mulheres, os outros movimentos responderam que há uma diferença, justificaram que ainda existe nos movimentos preconceito contra as mulheres, uma maior participação dos homens, divisão de trabalho por sexo, abordagens específicas das mulheres, ou mesmo porque as mulheres jovens são mais cobradas nas suas posições e atividades.

Quanto à maneira de fazer política, a maioria das entrevistas relatam que os movimentos não concorda que as mulheres jovens tenham uma nova forma de fazer política, inclusive o Movimento Ambientalista no Brasil destaca que essa nova forma de fazer política é um desafio do próprio Movimento, o que inclui mulheres e homens de diferentes gerações. O MST, assim como o Hip Hop do Brasil e de Portugal, considera que as mulheres jovens estão inovando ao colocar para o movimento questões de gênero, ao apontar desafios, como também pela importância das jovens nos momentos de pensar estratégias, e a Marcha Mundial de Mulheres acrescenta que as mulheres jovens trazem criatividade, imaginação e o domínio das novas tecnologias para dentro do movimento.

Quando perguntei sobre o lugar das mulheres jovens nos movimentos, se era um diferencial sua presença, colocaram que, mesmo com todas as dificuldades impostas, há um crescimento de grupos de mulheres trazendo questões como violência, discriminação, saúde da mulher e sexualidade, e tem havido uma interface com o tema juventude. Essas questões no interior dos movimentos possibilitam a ampliação de limites, questionam as estruturas de poder dos movimentos, os saberes constituídos e desenham novos espaços e áreas de actuação. É inegável reconhecer a participação da juventude e o crescimento do número de mulheres na direção dos movimentos, isso foi reiterado na pesquisa.

5. Significado Político da Participação nos Movimentos Sociais

Essa parte do desenho merece uma observação atenta a três importantes questões que vem sendo colocadas nos estudos sobre

movimentos sociais: primeiro, a crítica de um otimismo analítico dos investigadores acerca da potencialidade de transformação social dos movimentos sociais (GOSS e PRUDENCIO, 2004); segundo, um arrefecimento do debate acadêmico sobre os movimentos sociais (GURZA, et, al., 2004); e, terceiro, sobre a idéia de que os movimentos sociais estariam ligados a uma sociedade que ficou para trás (TOURAINÉ, 2006).

“Em Portugal o associativismo e os movimentos sociais são muito fracos. A sociedade civil é amorfa” (MMM – PT).

Por outro lado, não há como negar que os movimentos sociais não param de se reinventar, esses coletivos que ao longo dos anos tomam configurações diversas, inventam táticas, formulam reivindicações e criam uma estética que vai desde o novo sindicalismo, aos sem teto, sem terra, hip hop, movimentos feminista, negro, homossexual, ambientalista, imigrantes e MST. Os movimentos como forma de resistência, ocupam o público e o privado, quando na falta de escola inventam uma escrita e transformam os muros em cadernos, ou quando lhes falta teto e/ou terra constroem seus territórios subjetivos.

A força do coletivo é colocada nas entrevistas quando descrevem suas motivações em participar dos movimentos sociais. O que mobiliza o ativismo político, ou a militância política, por um lado são situações cotidianas que mexem diretamente com a vida, o intolerável que atravessa a sociedade e se concretiza na experiência da exclusão, da exploração, opressão, divisão, preconceito, discriminação, injustiça, desigualdade social, como disseram os próprios entrevistados (as), mas por outro lado, o que mobiliza também é:

“Enxergar essas desigualdades e acreditar que o mundo pode ser diferente” (Entrevistado da Parada Gay – BR).

Essa percepção é um ponto de partida na busca de espaços de passagem, ela suscita questões fundamentais para intervir, para pensar o novo, romper com determinados discursos que naturalizam a miséria, a violência, a dominação, mas não no plano individual, é um projeto coletivo.

“A idéia de que sozinha não há como transformar o mundo. A construção coletiva é melhor elaborada, é mais sólida, tem mais poder e respaldo” (Entrevistada da REJUMA).

“Percebi que mudar o mundo a minha volta era preciso unir pessoas” (Entrevistado da Parada Gay – PT).

As palavras transformação e coletivo aparecem nas falas dos(as) entrevistadas como vetor de mobilização individual e coletiva, que impede o sedentarismo contra a agilidade do império e motiva resistência.

“Tornar possível o impossível alimenta nosso desejo de contribuir com a história. A história que a gente acredita que é a historia da resistência a esse modelo de dominação” (Entrevistada do MST- BR).

Ao perguntar sobre o significado político e social de sua participação, as respostas por diversos caminhos apresentam um discurso sobre a potência do coletivo que converge para um mesmo desejo – construir uma nova sociedade.

A participação no movimento social tem sido uma grande oportunidade formação política e pessoal. Isso porque ela muda consideravelmente nosso modo de ver o mundo e de nos vermos também, de nos posicionarmos quanto às questões sociais que nos cercam. O sentimento de coletividade desperta sem que percebamos (Entrevistado da Parada Gay, BR).

Enquanto jovem mulher, ser parte, e direção do movimento sindical tem um significado político e social profundo. Essa transformação não será dada apenas por ações individuais, e sim com muita luta e organização das mulheres. É por isso que atuamos enquanto coletivo, enquanto movimento de mulheres (Entrevistada da CUT).

A minha participação política é uma contribuição para a transformação social, para alcançarmos novas formas de organização social, política e econômica que garantam a equidade nas relações de gênero, etnia, sustentabilidade ambiental e que seja justa (Entrevistada da REJUMA).

A minha participação arraiga-se na dimensão política do exercício da cidadania plena e efectiva. Não há democracia sem participação, não há cidadania sem participação e não há nem democracia, nem cidadania sem igualdade (Entrevistado do Movimento dos IMIGRANTES).

Não sei se o meu pequeno contributo ajuda a melhorar coisa alguma. As estruturas que quero derrubar são demasiado poderosas. Sozinha não consigo (Entrevistada da MMM PT).

Os movimentos sociais representam, para os ativistas, espaços de construção de desejos, de recusa a exclusão, desigualdades, espaço onde conseguem expandir-se, podem agir, lutar e produzir realidades novas, modos de relação consigo e com o outro e de sentir-se parte da transformação social.

Os movimentos sociais, nos discursos dos entrevistados e entrevistadas podem ser vistos como uma luta pelo direito a vida, quando através do coletivo conseguem criar aberturas, contatos, articulações, reconhecimento, que seria quase impossível realizar de forma individual.

O direito à felicidade, à satisfação das necessidades, faz parte dos sonhos e projetos dos ativistas entrevistados, como diz uma delas “Sonho é uma palavra que sempre alimenta a nossa alma. Nos impulsiona a seguir adiante” (MST-BR). Nas entrevistas, aparece de forma recorrente a separação entre sonhos pessoais e coletivos, ou sonho pequeno e sonho grande, ou ainda os de longo e curto prazo, embora muitos desses sonhos individuais estejam interligados com as lutas desenvolvidas nos movimentos sociais.

Chama-me atenção que entre os sonhos pessoais é muito presente o estudo, principalmente iniciar ou concluir um curso de graduação.

“o mestrado tem sido muito gratificante, a realização de um sonho, uma vez que sou educador e tinha o sonho de conciliar essas duas temáticas com as quais trabalhei: educação e sexualidade. Acredito que a academia pode e deve fazer muito mais no enfrentamento à homofobia nos processos de formação dos sujeitos e nossa intenção é contribuir nesse aspecto” (Entrevistado da PARADA GAY-BR).

O estudo tem efeito de uma ponte que liga o pessoal ao coletivo, através dos estudos podem ter formação e satisfação pessoal e ainda funciona como ferramenta de atuação nos movimentos sociais.

Nos sonhos denominados nas próprias entrevistas como sonhos coletivos, reaparecem a transformação social, o desejo de uma sociedade diferente da atual e, como militantes, se sentem parte da construção dessa mudança.

“Quero continuar sempre a ter esperança numa sociedade (portuguesa/transnacional) mais justa e solidária” (Entrevistada da MMM – PT).

“Sonho grande é transformar a sociedade portuguesa, mudá-la já” (Entrevistado da PARADA GAY, PT).

“Sonho com um mundo em que as mulheres possam decidir sobre suas vidas, seus corpos e que nenhuma delas sofra qualquer tipo de opressão. Gostaria de poder vivenciar um levante popular no Brasil que leve e convoque

a sociedade a lutar incansavelmente contra toda forma de injustiça, miséria e opressão” (Entrevistada da MST-BR).

“Quero contribuir pra mudar o mundo, porque eu não vejo como ser totalmente feliz em um mundo capitalista e machista; e eu quero construir minha autonomia pessoal, que passa por ter relações igualitárias” (Entrevistada da MMM- BR).

Mesmos os sonhos pessoais fazem conexão com suas lutas, como diz Deleuze (1997), nunca se deseja algo sozinho, o desejo é sempre em um conjunto, portanto estudar é algo que vem associado a outras questões, pois desejar tem o sentido de construção, de *construir um conjunto*.

8. Referências Bibliográficas

ABRAMOWAY, Miriam e CASTRO, Mary Castro. (2006) *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO.

<http://unesdoc.unesco.org>

CASTELLS, M. (2002), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. I: *A Sociedade em Rede*. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian.

CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*, Tradução Enid Abreu dobránszky, Campinas- São Paulo: Papirus. 1995.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes. 1999.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*, Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34. 1988

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix.(1996) *Mil Platôs V.3_ Capitalismo e esquizofrenia*, Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro, Ed. 34.

_____. *O que é Filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro, Ed. 34. 1997.

FERREIRA Pedro e Pedro A. Da SILVA P. *O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política*, Lisboa: Instituto Portugues da Juventude, 2005

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos autores*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

IBASE e PÓLIS. Relatório Final da pesquisa: Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro e São Paulo: 2005 www.ibase.br www.polis.org.br

LEVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência- O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2004. 13a. Edição.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. 1999.

LOURO, Guaracira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Jorge Alberto S. Movimentos sociais, tecnologias de informação e o ativismo em rede . *Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro*. 2005.

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0000.html>

_____. (2007) Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais in *Sociologias*, n.18 Porto Alegre, jul./dez.

PELBART, Peter Pål. Biopolítica e biopotência no coração do império in LINS. Daniel e GADELHA. Silvio, (org.), *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Elementos para uma cartografia da grupalidade. 2006

<http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>

PINHEIRO, Marta de Araújo. e SILVA, Daniel M. Internet e comunicação de resistência in *Comum*, Rio de Janeiro, 2005. v. 11, nº 25, p. 166 a 175, jul/dez.

_____. Cultura dos links: conjugação e conexão nas redes. In *FAMECOS*, Porto Alegre, 2007. nº 32, Abril.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais in *Revista Sociedade e Estado*, Brasília: Departamento de Sociologia da UNB, v. 21, n.1, jan/abr. 2006

TOUNAINE, Alain. Na fronteira dos Movimentos Sociais in *Revista Sociedade e Estado*, Brasília: Departamento de Sociologia da UNB, v. 21, n.1, jan/abr. 2006